

Pronunciamento (*depoimento*) sobre o Bicentenário da Independência da Grécia Moderna 1821 - 2021

**Constantino Comninos. Professor,
Cônsul Honorário da Grécia em
Curitiba.**

Hino à Liberdade, Solomós

*Eu conheço tua espada,
sua lâmina que aterra.
Eu conheço-te a mirada:
de um só golpe mede a terra.*

*De ossos gregos és nascida,
santos ossos, na verdade;
como outrora, destemida,
salve, salve, Liberdade!*

*Tradução pelo Helenista e poeta **Paulo Paes**.*

Palavras talvez necessárias

Há muito tempo, recebi de amigo e professor, editado pela revista Polyedro, algo como: >> se tivermos que criar qualquer novidade em nossos dias, temos que perguntar primeiro aos gregos se já não a tiveram inventado antes de nós. << Confesso que fiquei intrigado com tanta assertiva. Em outra ocasião recebi do escritor José Lins do Rêgo outra sentença que dizia: “na Grécia até as pedras falam.” Comprovei esse fato desde que pisei em território grego e percorri os sítios arqueológicos que se espargem por todo aquele país. A Grécia é um museu a céu aberto. Alguns templos falam mais alto do que as palavras. Essas denominadas pedras, esparsas por esses sítios repletos de histórias, talhados com heróis, musas, filosofia, de tudo o que é ciência, inscritas no mármore e que a argúcia dos arqueólogos tenta decifrar. A epigrafia é um estado da arte mais acurada e resoluta. No ano em que a Grécia Moderna comemora seus 200 anos de Independência, rascunhar algumas palavras que possam traduzir a alegria dessa efeméride, tão cara para gregos e descendentes vivendo na Grécia e no ecúmeno, é tarefa assaz gratificante. O faço com humildade, pois, as academias do mundo todo citam nossos poetas, filósofos, historiadores, matemáticos, geômetras e pensadores da antiguidade, e pouco ou quase nada se expressam sobre a Grécia como Estado Nacional Moderno. Em certas

ocasiões, quando falo sobre a Grécia em palestras quando convidado, leio nas faces de meus interlocutores questões tais como: o que é a Grécia? (a moderna ou a antiga?). O que é o grego? (Você está falando grego?). Ou como os gregos da atualidade se perguntam: o que é a Hélade, helênico? A Grécia é presente pelo seu povo, pelos seus homens de governo, seus intelectuais de primeira grandeza e determinados a orientar estratégias políticas próprias internas e as políticas maiores nos órgãos internacionais que toma assento. Esse é o escopo deste depoimento: mostrar àqueles que desconhecem a força do povo grego como nação soberana e os desígnios formados pelo seu território vulcânico que engloba o Moderno Estado Nacional Grego e, como depoimento pessoal de um descendente nascido no Brasil.

“Nosso helenismo, é sermos da mesma raça e da mesma língua, termos santuários comuns de deuses e rituais e costumes iguais”.

***Heródoto**, citando os atenienses
no fim das guerras pérsicas.*

Este depoimento tem como objetivo, mostrar o olhar de vários pontos históricos que culminaram com a autodeterminação da Grécia, a partir de 1821.

É a minha contribuição pessoal referente ao Bi-centenário da Independência a Grécia.

Quando visitei a Grécia pela primeira vez, em fevereiro de 1970, tive um choque cultural inesperado. Não pensei sentir tanta emoção. Estava pisando uma terra de onde meus ancestrais tinham vindo para um país tropical e se estabelecido em vários pontos da nova terra que os acolhia. Nem todos puderam retornar. No ambiente caseiro, relatos passados nunca foram de todo felizes. Meu pai, principalmente, tinha participado da Primeira Grande Guerra (1914-1918). Para a Grécia, o segundo conflito mundial tinha terminado fazia 25 anos, mas, a guerra civil, durou até 1948. Minha mãe sentiu a saga da expulsão de cerca de dois milhões de gregos a Ásia Menor, a Anatólia grega por milênios. De relance, vi um povo sofrido. Nos logradouros, mulheres silenciosas, a maioria delas, vestida de preto com lenço também preto que envolvia suas cabeças. Lembrei de minha avó paterna que se vestia dessa

maneira vivendo no Brasil por muitos anos. Vi trabalhadores pensativos, com suas marmitas, e seus olhares preocupantes. Diria que o proletariado urbano, não diferia muito do dos demais países. Eu residia no Brasil, em um país em fase de industrialização. Se o cenário não delimitava o da Revolução Industrial, estava próximo. Essa foi a cena em um olhar de 360 graus quando percorri Atenas para sentir a cidade. No aeroporto, fiquei sabendo que ovo estrelado denominava-se *mátia* (olhos). E convivi com outras curiosidades que eu desconhecia. E em meio a tantas outras descobertas, o que mais me impressiona até hoje como professor, são as incontáveis livrarias presentes nas ruas próximas a Universidade de Atenas. Livrarias de todos os tipos, com a presença de todas as ideologias que se destacavam no mundo, com traduções recentes de lançamentos mundiais, com destaque para a Europa e aos Estados Unidos. Livros de peso, editados por professores gregos, romancistas e poemas presentes. Literatura farta sobre a Grécia antiga, com interpretações pessoais e pesquisadas por especialistas nativos e aqueles acadêmicos helenizados pela literatura antiga, enveredando por caminhos que nos permitem melhor conhecer os comportamentos de toda a ordem de nossos ancestrais.

A vida na Grécia fluía de forma diferente dos países que eu estivera anteriormente na mesma ocasião. Cada cultura com a sua cultura, ensina a Antropologia. Cada comportamento coletivo é um comportamento que os diferencia, como nos orienta a Sociologia, a ciência social mãe. E o lado econômico? Imaginei a provável questão salarial desse povo, que eu considerava como o meu povo. Cada ato econômico é manifesto nos estamentos da pirâmide ocupacional que diferencia a riqueza e a pobreza, tentando a economia oferecer soluções para diminuir essa defasagem. Hoje, posso afirmar, que esse tabuleiro é desafiante, pelas mudanças pelas quais a Grécia passou após sua entrada na União Européia.

Em meados dos anos 1960, eu já havia iniciado meu contato com a Doxiadis Associados, empresa de urbanismo que entre 1965 e 1968, realizou um trabalho significativo com o estudo dedicado às mudanças diretivas urbanas da Cidade do Rio de Janeiro, na época, Estado (cidade) da Federação por poucos anos. Esse contato marcou sobremaneira minha grecidade. Foi o lado mais intelectualizado que pude vivenciar em minhas idas à

Grécia em ocasiões futuras. Tanto que utilizei a Teoria Ekística de Doxiadis – uma quase ideologia urbanística, que fundamentava as soluções dos estudos à empresa por ele criada. Doxiadis idealizou a empresa que presidiu até seus últimos dias. Foi professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Politécnica de Atenas. Figura excepcional, de cultura invejável, intelectual consagrado, urbanista por vocação, Doxiadis me inspirou durante mais de 30 anos, lecionando Estudos Sociais e Econômicos para os Cursos de Arquitetura e Urbanismo em duas universidades, e utilizando os fundamentos dessa teoria como modelo didático.

Certa ocasião em um seminário na Universidade, um professor perguntou ao conferencista porque a filosofia grega não travava do livre-arbítrio. A resposta: é que os gregos exercem a liberdade em todos os sentidos. E a liberdade é o tema de toda a comemoração de independência política de qualquer nação. E é a linha mestra desse depoimento.

Minha segunda visita à Grécia se deu em 1975. Um ano após (1976), assisti algumas aulas na Universidade de Atenas. Em 1974, com a questão Cipriota, os Coronéis foram aliados do poder, regime esse que para alguns - a exemplo da “tirania” de Licurgo -, foi ironicamente necessário à salvaguarda da democracia; para outros, o golpe de 1967 se justificava plenamente. No tabuleiro da geografia mundial, os países estavam sendo monitorados pelas potências da época, e, em plena Guerra Fria, não interessava a essas potências que a Grécia fosse dominada por partidos de esquerda, quer populistas ou socialistas.

Em 1976, pude notar uma participação muito ativa dos estudantes. Reuniam-se em similaridade aos partidos de esquerda de todas as facções políticas existentes no mundo. Parecia que a Paris revolucionária, caldeirão de ideologias as mais esdrúxulas, havia mudado para Atenas. É óbvio, que contava com a participação de partidos da denominada direita, do centro e da esquerda. O interessante, é que todos os grupos, independente da força ideológica contraditória que os conduzia, manifestavam com ênfase patriótica, a sua liberdade de expressão pela queda da Ditadura dos Coronéis.

Em certo momento em um ônibus de linha urbana em Atenas, eu ouvi um diálogo entre duas senhoras de preto (a vestimenta de cor preta significa à perda de alguém próximo a família). Como está seu filho? Está bem. Estuda

Economia na Universidade. E a outra senhora retrucou, o meu estuda Ciências Políticas na Universidade. Ele me disse que agora ele está inscrito em partido político e professa o MAOÍSMO. Pois o meu, disse a outra senhora, faz parte da dissidência socialista Trotskista. Me perguntava, o que se passaria na cabeça de mães trabalhadoras tendo seus filhos politizados em um sem número de partidos que vigiam naqueles anos de democracia e liberdade?

Eu percorria o olhar, naquela politizada cidade cidadã de Atenas, com seu centro nevrálgico na Acrópole refulgente, destacando o Parthenon, arquitetura perene e didática em sua fala em mármore, dominando a paisagem como a dizer: *a democracia deve ser preservada*. E não esqueçam que *a liberdade é irmã siamesa da democracia*. Aqueles mármore ditavam e reeditam até o presente, as razões existenciais de uma sociedade perenizada.

Em meados dos anos 1970, para certos segmentos da sociedade, a opinião era que Grécia nunca deveria ter entrado nesses anos de autoritarismo, com o Parlamento lacrado e a ausência de eleições livres. Conquanto, poucos sabem que o Governo de Ioannis Metaxas, que disse NÃO (28 de outubro de 1940) às tropas da Itália Fascista, no início da Segunda Guerra Mundial, a Grécia passava por um período ditatorial fazia quatro anos. E o reinado se encontrava no exílio.

Como soe acontecer nessas ocasiões, e não é fenômeno exclusivo de nenhum país, em todos esses momentos, a liberdade de trânsito e do pensar, sempre foi à tônica das vanguardas revolucionárias. Na Grécia, afirmo que *essa paixão é diferenciada*. O grego é um ser politizado desde a nascença. A política está no sangue que circula em suas veias e que faz com que a sua emocionalidade nativa, leve seus atos a desejar uma reviravolta na sociedade. O grego sabe e sente o que a cidadania representa, e a exerce desde antes do tempo de Aristóteles ou Platão. O grego é, acima de tudo, *um patriota*.

Estrategicamente, a Grécia sempre foi alvo de políticas externas beligerantes por potências maiores no cenário geopolítico mundial. E esse fato reflete desde as Guerras Persas. Explico. A geografia grega é pródiga, pois está localizada na confluência da Europa com o Oriente Crescente, que se estende pela Ásia Menor, e é a extensão final da Península Balcânica. Diferente dos países que eu visitara na mesma ocasião, mesmo a Segunda Guerra Mundial tendo terminado fazia 25 anos, pude observar em alguns

poucos países da Europa Ocidental, mediterrâneos, germânicos, nórdicos, anglo saxões, latinos, que cada qual tentava se soerguer após um conflito que dizimou exércitos e ceifou milhares de vidas civis. A Grécia teve anos de penúria durante a Segunda Guerra Mundial. Recordo o que senti na Grécia: a geração dos anos 1970 foi a população que vivenciou a esse estado de beligerância.

Minha helenidade tornou-se quase dogma desde o início dos anos 1960, quando eu já participava da organização da Associação Helênica do Paraná, exercendo a Secretaria, a Vice-Presidência e a Presidência da Diretoria Executiva. Anos mais tarde, fui eleito pela última vez, presidente da Associação Helênica do Paraná (1986-1988-1990) e participei da fundação da Federação das Entidades Helênicas do Brasil, e secretariei por quatro anos (1987-1991).

O destino grego me perseguia. Essa lembrança me deu a chance de olhar a Grécia com outra ótica. Às vezes, eu não conseguia entender os gestos e idiossincrasias dos gregos que imigraram para o Brasil nos anos pós Segunda Guerra (1939-1945) e com os quais, eu mantinha convivência regular. Tentei compreender, comparativamente, o comportamento dos gregos residentes no exterior e os gregos residentes na Grécia. Consegui criar em minha cabeça uma matriz, onde eu alocava até as conversas que eu tive com minhas avós, meus pais e tios, sobre a Grécia de seus tempos.

Levei meu pensamento para o período da ocupação Otomana, e criei um quadro que me permite o olhar crítico sobre essa geografia histórica. O Império Otomano se expandiu rapidamente. Fincou seus tentáculos em quase todo o mundo árabe. Chegaram às cercanias da Viena austríaca. Rodes como a capital do Arquipélago do Dodecaneso (doze ilhas), me acolheu em suas vilas típicas que refletem até na arquitetura de suas edificações, e com sua cultura local, inclusive, a linguagem diferenciada variando de comunidade para comunidade, conforme sotaques próprios. Rodes tem 1.400 quilômetros quadrados (o tamanho aproximado do lago da Hidrelétrica de Itaipu). com a cidade principal e 43 vilas espalhadas por todo o seu território. Senti-me envolvido pela *filoxenia* (*amigo do visitante*), virtude grega das mais significativas, como se eu fosse um filho da terra retornando ao lar de seus ancestrais. Tive certa convivência com costumes que eu desconhecia.

Considerando a geopolítica externa, essa ilha milenar, concentra a arquitetura de todas as culturas que se estabeleceram nela nem que tenha sido por períodos de tempo limitado. Rodes é uma miniatura do que se vê na Grécia em várias regiões de sua geopolítica interna. Rodes fora um centro importante da Grécia antiga. Mais conhecida pelo Colosso de Rodes, é uma das maravilhas do mundo antigo.

Mas, o que mais me impressionou no cenário encontrado na Ilha de Rodes, em contato com pessoas do povo, esses, mais parentes, que vivenciei em poucos dias de permanência, foram algumas faltas de bens que no Brasil nos eram fartos. Os mais velhos trabalhavam a terra. Os jovens tentavam sair para a cidade. Havia carências que aos poucos foram sendo superadas. Dois segmentos marcantes: um deles, vislumbrando um futuro promissor com a política hoteleira voltada para o turismo, mudava a paisagem bucólica da ilha com edifícios de alta qualidade. De outra face, eu notava a dureza da vida dos camponeses, nas vilas dessa ilha, trabalhando arduamente, até por necessidade em certas ocasiões, tendo que utilizar a troca de produtos em uma economia que lembrava o escambo. Foi meu primeiro aprendizado direto sobre a Grécia. O desenho arquitetônico é diferenciado. O Castelo dos Cruzados, obra dos Cavaleiros de São João, Ordem dos Hospitalários. Cidade-Estado de Kamiros. Lindos com sua acrópole destacando as colunatas que datam 900 anos antes da era Cristã. Estádio Olímpico. Construções deixadas pelo período italiano (1912 a 1944). (Os Turcos só deixaram as ilhas, antes da Primeira Grande Guerra 1912). E a partir dos anos 1980, Rodes passou a hospedar milhares de turistas a cada ano. Com mil hotéis de todas as estrelas que se possa destacar. Rodes guarda em seus bairros nomenclatura tipo: área dos Judeus, dos Muçulmanos, dos cristãos católicos, dos ortodoxos.

Durante 400 anos de verdadeira servidão ao Império Turco-Otomano, em terras gregas, imaginei os momentos de tristeza e da vida dura do trabalho para a sobrevivência, daqueles gregos, com a alma triturada em frustrações e dependência da não liberdade e tendo que viver em estado de servidão social e econômica.

Esse período histórico, como outros de similar importância da história do mundo a leste da Grécia, nunca fez parte do ensino do mundo ocidental. O que ficamos a saber, desses países, é atualmente via noticiários, com citações das

guerras localizadas em pontos distantes do planeta, sempre nos interesses maiores de potências dominantes, e sempre com o petróleo na cúpula das decisões.

É comum verificar que a maioria dos livros que tratam sobre a Grécia antiga, ao citar seus pensadores, e toda uma plêiade de filósofos, dramaturgos, historiadores, perpassando pela matemática, geometria, medicina, urbanismo, arte em geral e líderes, políticos ou não, a pertinência dos estudos sejam teóricos, ou seja, interpretativos; só elevam os grandes feitos intelectuais dos gregos que marcaram os fundamentos da Civilização Ocidental. Nossos pensadores estão presentes no cotidiano da humanidade faz muitos séculos, quero crer, até antes de Homero. Mas temos os intelectuais da Grécia contemporânea.

Se quisermos arriscar a compreensão dessa comemoração, os convido a ver a Grécia moderna, após a independência, com sua geopolítica interna tentando organizar o país. Afirmo que essa geopolítica se mantém até hoje, na divisão político-administrativa que comanda a gestão governamental e seus atos em todas as esferas do poder constituído.

Conquanto, as bases da fundação da Grécia Moderna, reportam não tão somente para o passado da antiguidade, mas para os exemplos das mudanças que o mundo veio a sofrer com inúmeras revoluções ocorridas em muitos países. Duas revoluções determinaram o divisor de águas do mundo moderno: a Revolução Americana neste lado do mundo, marco histórico indiscutível da invenção da república democrática federativa presidencial e, no Continente Europeu, a Revolução Francesa, que fez sucumbir o autoritarismo monárquico, via de conseqüência, a instituição do regime de liberdade assegurado pelas lideranças revolucionárias.

Essas duas revoluções citadas, incentivaram inúmeros países para lutar pela sua autodeterminação. A americana destaca-se, segundo O Federalista (Cartas que antecederam a independência dos Estados Unidos), com o modelo de democracia partilhada com fundamentos retirados na Democracia Ateniense. E com alguns rasgos de períodos históricos de liberdade encontrados na República Romana. Chegou-se até a admitir que a língua do país, até pudesse ser o grego antigo. Os pais da pátria americana pouco se detiveram no Regime Democrático. Odiavam a monarquia, como prejudicial à

eles, portanto, defendiam a República. E esta, nos moldes da democracia grega.

Ressalto que a palavra República é latina (da Res Pública, ou seja, da coisa pública. Democracia é vocábulo grego). Assim, a República de Platão como vem sendo editada fora da Grécia, deveria ter o título de O Estado, em grego i Políteia.)

A Grécia, por sua vez, país situado ao Sul dos Bálcãs, cujo desenho geográfico de suas fronteiras se assemelha como se fosse à mão territorial que adentra pelos mares ao sul, banhada pelo Egeu e o Jônio, ficou isolada do mundo, desde que a expansão do Império Turco-Otomano se firmou com a queda de Constantinopla, capital do Império Bizantino, em 1453.

A cidade do Imperador Romano Constantino, fora o marco presente da cristandade na Europa Oriental. Chamada de Nova Roma, encruzilhada comercial que recebia e distribuía os produtos que para lá se dirigiam via Rota da Seda decorrentes de outros tantos mais caminhos, teve dias áureos pelo comércio, pelo surgimento de literatura própria, sua arquitetura que prevaleceu em estilo romano-oriental e a garantia da língua grega falada em todos os recantos de seu império florescente.

Pode-se dizer que a educação marcada pelo estatuto político, econômico e social, criou uma diplomacia *sui generis* nos territórios deste império. Com a fundação da Nova Roma no *Bósforo*, cuja ocupação determinou o surgimento do Império Romano do Oriente, fez esse Império enriquecer e se tornar um novo macro cenário naqueles tempos, a partir de 330 da era Cristã. O sítio escolhido era providencial. Constantinopla foi concebida e edificada a partir da existência de uma colônia (*bizance*) grega *Megarita*, que lá se encontrava fazia nove séculos. Local estrategicamente situado, a Capital do Novo Império iria se tornar um dos pontos mais importantes da geopolítica daqueles tempos. O Império Bizantino durou um milênio. Invejado pela sua riqueza, por suas igrejas monumentais, sua filosofia de vida, suas leis como a de Justiniano (*de júris civilis*), que domina até hoje os estudos jurídicos do ocidente, das inovações burocráticas, cristianizadas (uma teocracia), determinaram sua importância até hoje admirada.

Tomo a liberdade de lembrar que o mundo grego antigo, seguido pelo período alexandrino que lançou as bases para a era do Helenismo, que perdurou quatro séculos, e a submissão das cidades-estado gregas ao Império Romano, antes da era Cristã, a língua grega subsistiu de tal forma, pois, deu aos Romanos a gramática, o cultivo das artes, a nova forma de olhar as construções arquitetônicas, o culto e o temor de seus deuses, e as bases filosóficas do saber pensar. Segundo um dito romano: *a Grécia cativa tornou cativo o seu conquistador.*

As civilizações se formam com base em uma língua comum. No caso grego, deve-se a essa língua, a base do processo civilizatório, que foi legado aos gregos modernos. O grego é uma de três línguas milenares que não sofreram mudanças profundas em sua estrutura gramatical, faladas até hoje, tendo como o Mandarim e o Hebraico. De outro lado, quando da expansão das cidades-estado gregas, os gregos helenizavam as sociedades conquistadas da barbárie em que viviam. As conquistas gregas foram às responsáveis pelas mudanças que os gregos fomentavam como uma forma de levar aos bárbaros a cultura das helenidade.

A Revolução da Independência grega do Jugo Turco-Otomano, após quatro séculos de sujeição, já se formava antes mesmo da data de 25 de março de 1821. Essa data marca o grito de liberdade que ecoou nas montanhas de Kalávrita, no Peloponeso, e se espalhou por todas as vilas e áreas rurais do território onde os gregos residiam. Era o Dia da Anúnciação para as Igrejas Cristãs, quando em um ato de coragem, o Bispo Germanós, incita os gregos a iniciarem a Revolução pela Liberdade. O Poema de Dionísio Solomós, com mais de 150 estrofes, denominado O Hino à Liberdade (consagrado como o Hino Nacional da Grécia em suas 8 primeiras estrofes), é o maior testemunho da vontade grega se tornar independente e retrata a saga grega dos anos de domínio estrangeiro. Seus versos determinam um fator imprescindível para a compreensão da “*grecidade*” do nosso mundo helênico, marcada por uma variável intrínseca à existência da ideologia antropológica do povo grego como parte de sua alma: a Identidade Grega – *i taftótita*.

Não se pode ignorar, que há um débito da nacionalidade grega com a Igreja Grega Ortodoxa. Digno de nota foram as escolas clandestinas, cujo espaço utilizado para as reuniões, se posicionava nas igrejas e nos mosteiros

espalhados por todo o território daquela geografia singular. Nessas escolas, mantinham-se as tradições cristãs pela catequese, cujos mistérios foram transmitidos na língua grega eclesiástica, distinguindo a história dos antepassados e outros conhecimentos como a literatura dos gregos da antiguidade, dos novos literatos, mais poetas, que incitavam os gregos para a conquista de sua independência, fato esse, que perdurou ao longo de quatro séculos da ocupação Otomana.

Não foi tarefa fácil essa revolução. Havia um controle avassalador por parte das autoridades governantes. Muitas atrocidades foram cometidas por essas administrações que representavam o Sultanato Otomano, tendo controle permanente como autoridades otomanas locais – os *passalikes*. Vingavam seus atos na queima e destruição de igrejas da fé cristã, todas e quaisquer entidades clandestinas de libertação ou outros movimentos que viessem a se confrontar com os Governos locais, jurisdicionados para cada região em que a Grécia tinha sido dividida.

Ocorre que os invasores Otomanos, dominaram uma população consciente de seus deveres cívicos. Segundo Arnold Toynbee - helenista por vocação em suas próprias palavras e um dos mais destacados historiadores do século XX -, afirma que a herança grega antiga e alexandrina (o *Helenismo*) foram absorvidas pelos gregos bizantinos, que por vez as repassaram aos gregos modernos. É claro que tanto os gregos Micênicos, como os gregos do período Helenístico, assim como os gregos bizantinos, tiveram suas fases de sucessos e vicissitudes. Inclusive os gregos modernos nesses 200 anos de existência, passaram por momentos áureos e tiveram que administrar seus próprios fracassos. Nenhuma sociedade moderna pode se vangloriar de suas façanhas sem considerar os malogros que permeiam as ideologias do existir humano. A história como “*mestra da vida*”, deve ser mais bem avaliada para que nações não venham a cometer erros presentes, quando alertados por fatos do passado.

Os gregos modernos tem consciência de suas lutas, tanto internas quanto externas. Quando chamados, nunca se negaram a participar de batalhas decisivas em guerras que se envolveram por razões de Estado. Pode-se até admitir que essa herança dos gregos desde a antiguidade, é um

caldeirão de genes que reflete até hoje na contemporaneidade da Grécia de nossos dias.

Se algumas nações acreditam em *Karma*. Os gregos acreditam no *destino (i mira)*, que norteia toda a sua maneira de ser, transmitida psicológica e politicamente na força de seu teatro, tanto no drama (manifestação das agruras da humanidade), como na comédia (crítica aberta aos governantes). Ambas as formas, consagradas até hoje na dramaturgia moderna. Se quisermos utilizar outra palavra para determinar a força desse povo, seria a saga. A *saga* é o destino que faz com que cada grego tenha um olhar para traz das coisas da vida. Pois, muitas foram as *sagas* que estiveram presentes no transcorrer dos fatos que levaram os gregos a lutar pela sua emancipação.

Cito algumas ocorrências significativas das lutas modernas em defesa do território ocupado pelos gregos desde tempos heróicos: a tomada da Ática tornando Atenas a Capital do país, a conquista do Épiro, a retomada de Salônica, as Guerras Balcânicas, a participação na Primeira Grande Guerra e a guerra greco-turca - com a expulsão de cerca de dois milhões de gregos residentes na região da Anatólia no início dos anos 1920. Essa é a maior das *sagas* que os gregos vivenciaram no século passado. O Governo Grego dedicou todos os seus esforços, para acomodar esses milhares de gregos que retornaram ao território de suas ancestralidades. A ocupação nazi-fascista na Segunda Guerra Mundial, demonstrou como o povo grego resistiu a invasão de forças militares superiores por meses e como represália, os vencedores impuseram ao povo grego uma das mais sofridas fases de sua história. Todas essas etapas tormentosas foram vencidas pela tenacidade ímpar do desse povo, em defesa de suas tradições, usos e costumes, alguns milenares, que latejam no âmago de suas almas.

A luta pela independência grega iniciada em 25 de março de 1821, completa dois séculos. Conquanto levasse mais de 100 anos para vencer os percalços que se encontravam nos territórios e garantir a soberania da atual fronteira geográfica do país. Foram lutas constantes, ganhando terreno a cada decênio, perdendo e recuperando posições estratégicas na geografia ímpar que desenha seu litoral com suas centenas de ilhas, perfazendo 17.000 quilômetros de fronteiras marítimas e sua topografia geográfica montanhosa, ou mesmo em suas poucas terras planas.

Em 1830, o Protocolo de Londres, firmado pela Grã Bretanha, França e Rússia, reconhecem o Estado Grego Moderno. Em 1832, Othon, da Bavária, se torna o primeiro Rei dos Helenos. A Capital desse novo país em formação se localiza em Náuplion, sul do Peloponeso. Em setembro de 1834, após a retirada do Passaliki Ático, Atenas é consagrada como a Capital do Estado Grego Moderno. Em 1822, foi rascunhada a primeira constituição da nova nação.

A independência de um povo que deseja fazer parte de uma nova posição no concerto das nações, só tem poder de existência futura, se esse povo for dotado de certa cultura que envolva todos os segmentos da vida social, inclusive o desejo intrínseco da vontade de ser livre. Os gregos são um povo determinado. Aflora em sua psicologia a liberdade plena. Seus desejos manifestos estão arraigados em sua terra natal, começando pela sua vila de nascença, a aldeia, a cidade de origem (*o demos*), cuja ancestralidade está vinculada à sua herança clássica, o que significa dizer, que tem raízes na cidade-estado da antiguidade - *a polis*.

Até hoje, muitos intelectuais discutem as razões da Grécia ter adotado duas línguas oficiais. A língua demótica e a língua purista. A demótica é o grego da comunicação do povo. A purista é utilizada nos cânones litúrgicos, em alguma literatura mais elaborada. Entretanto, a língua demótica tem uma variante ligada a pessoas cultas, notadamente a linguagem jurídica. A academia utiliza a língua grega cientificamente e literariamente elaborada, nas raízes da língua purista.

Do ato heróico dos 25 de março de 1821, passaram-se dois séculos. É muita história para contar. País pequeno geograficamente falando, com cerca de 135.000 quilômetros quadrados. 11 milhões de habitantes com cerca de 7 milhões no ecúmeno mundial. Fronteira montanhosa ao norte. Território sujeito a abalos sísmicos. Terreno vulcânico em sua maior extensão. Com marinha mercante entre as mais destacadas do mundo. Com a participação em todos os organismos internacionais, a Grécia pelos atos de seus líderes e a vontade de seu povo, mantém firmeza em seus objetivos maiores.

Essa data representa para todos nós, gregos e descendentes, o início de uma trilha que se consagrou em caminhos percorridos e construídos com paixão e vontade férreas, no olhar da modernidade. Suas Constituições, que necessárias foram, sempre destacaram o retrato de seus objetivos políticos

cuja base filosófica remonta à antiguidade. Suas crises não diferem das dos demais países, mas mantém personalidade própria. As relações dos gregos com os grupos não-gregos, sempre perduraram por meio de atos diplomáticos *sui generis*. O Cristianismo Ortodoxo Grego esteve ligado ao Estado. Essa força religiosa foi herdada do mundo Bizantino e se arraigou em cada segmento social e político de sua organização-mãe ou social, intensificada nos valores e tradições de cada rincão grego em suas mais de 5.000 comunidades urbanas. Nos bairros das cidades maiores, sobressai a construção de igrejas que representam a união paroquial de cada comunidade urbana, como se uma vila o fosse.

Nosso mundo grego está arraigado em nossos diálogos comuns, quando se trata de gregos vivenciando a sua “grecidade”, estabelecidos em qualquer país do planeta terra. Temos consciência da necessidade de viver em harmonia. Discordamos em certas querelas que nada são mais do que desejar criar novos modos de organização factível no mundo fora da Grécia. Apesar das discórdias e dissabores internos, continuamos gregos que nunca deixam de ter um olhar para a terra de seus ancestrais. O espaço desses encontros é na *Kinótita* – a Associação ou entidade associativa, que se encontram em todos os rincões mais afastados do país. Agimos nas comunidades do estrangeiro, como governo grego, como se fosse uma vila do interior da Grécia, com sua diretoria e conselho, eleitos entre os associados democraticamente. Aliás, inventamos a Democracia, assim como inventamos a nossa maior invenção, a *polis* – a *cidade-estado*. Chegamos a viver em períodos de tirania ou de autoritarismos, mas nunca deixamos de almejar a liberdade ao longo do tempo.

Como pequena Nação, tivemos a glória de ver a outorga de dois Prêmios Nobel (1965 e 1979) em literatura. Nossos poetas Georges Seféris, - diplomata de carreira - e Odiseus Elytis, foram reconhecidos como poetas consagrados que souberam retratar a grecidade e a helenidade com versos fortes e significativos, transformaram a riqueza das nossas raízes em linguagem universal. Suas rimas foram musicadas por expoentes como Mikis Theodorákis, Manos Hadzidákis. Nikos Kazantzakis, outro de nossos escritores, conhecido em todos os países pelas traduções constantes de suas obras imperecíveis. No campo jurídico, Konstantinos Tsatos, filósofo do Direito,

reconhecido no mundo acadêmico do universo, presidiu a Grécia no regime que se adotou após plebiscito realizado em meados dos Anos 1970, quando a Grécia se torna uma República Parlamentarista e Democrática (*Eliniki Dimokratia - Democracia Helênica*), após a queda do autoritarismo militar (1974).

Se a pergunta de muitos é saber se a Grécia se modernizou, afirmo que sim. A literatura grega é fantástica. Prevaecem na Grécia, as edições traduzidas para o grego moderno, originárias dos Departamentos de várias universidades mundiais. Na Grécia as livrarias fecundam em traduções de obras novas, que não são objeto de traduções em outros países até desenvolvidos. Os acadêmicos gregos escrevem obras pertinentes e de profundidade incontestada, notadamente nas áreas da política, da economia e do direito. São citados em obras desse gênero em edições de autores de inúmeros países. O gênero romance de autores gregos é admirado nos países europeus e nas Américas, pela significância de seus cenários e atores que nele participam.

A *Filiki Etería* (Sociedade dos amigos – da Grécia) começa a se movimentar a partir de 1814. É o sustentáculo da ordem revolucionária latente. Muitos países, voluntariamente, passam a defender a independência da Grécia na qualidade de *filo-helênicos*. E o país passa por um longo período revolucionário interno até se encaixar na realidade política internacional. Inúmeros intelectuais de países se uniram em uníssono a favor da independência da Grécia. Destaco o poeta inglês, Lord Byron, que morreu lutando ao lado dos patriotas gregos.

A Europa manteve no ostracismo toda a base filosófica do pensamento grego da antiguidade. Somente a partir dos anos 1200 que os textos foram reanalisados, organizados nos parâmetros científicos de sua verdadeira grandeza e passaram a orientar todos os estudos das universidades que se criaram a partir desse momento de alta importância para a vida acadêmica europeia. A luta pela Independência da Grécia iniciada em 1821, reflete em todas as gerações que envolvem o tempo de cada uma delas, em faces diferenciadas. Segundo Finley, “não há motivo para supor que tenhamos chegado ao fim de suas metamorfoses potências”.

Talvez se possa concluir que a autodeterminação do povo grego tenha esgotado. A luta pela independência continua, pois os gregos, com toda a sua emocionalidade, são o garante da perfeição.

Adendo ao Pronunciamento (depoimento) sobre o Bicentenário da Independência da Grécia Moderna 1821 -2021

**Constantino Comninos, Professor,
Cônsul Honorário da Grécia em
Curitiba.**

TRATADOS FIRMADOS DESDE O INÍCIO DAS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA DO MODERNO ESTADO GREGO

Antes e a partir de 1821.

Talvez se possa concluir que a autodeterminação do povo grego tenha se esgotado. Nunca. A luta pela garantia da independência continua, pois, os gregos, com toda a sua emocionalidade, asseguram ao mundo a sua herança e o seu legado indestrutíveis, vivenciando a liberdade, os gregos sabem como manter a perene identidade grega como povo e como nação.

O autor

Citando a maior autoridade grega no Brasil, o senhor Embaixador Ioannis Pediótis, venho, em meu nome, manifestar as nossas felicitações pelos 200 Anos da Independência da Grécia.

Estendo meus cumprimentos, como Consulado, aos Conselheiros Diplomáticos e funcionários do Ministério do Exterior da Grécia, aos Párocos das Paróquias Ortodoxas Gregas, às Diretorias das Associações Helênicas nos Estados do Brasil Meridional jurisdicionados por essa Repartição Consular, aos gregos e descendentes e aos amigos da Grécia.

Que esse ano especial, homenageemos o dia 25 de Março, que também é o dia da Anunciação, para termos forças, a exemplo de nossos antepassados, para continuar a manter a grandeza da pátria grega no exterior.

Em seqüência aos inúmeros documentos que tratam desse tema, tenho a honra em fazer conhecer a relação dos Tratados Importantes que determinaram a fundação do Moderno Estado Grego. Considerem como texto divulgativo.

A Grécia como país independente, nesse ano, comemora seu Bicentenário de Emancipação Política. Muitos depoimentos, vídeos, mensagens, vem sendo divulgados pela imprensa grega e a internacional.

Quando as lutas pela independência iniciaram, o ecúmeno grego, com suas inúmeras colônias, se localizava em vários pontos da delimitação do Mediterrâneo, estendendo-se aos países balcânicos e suas fronteiras, ao Mar Negro, ao Norte da atual Turquia e alguns territórios periféricos.

Calcula-se que o número de gregos que residiam nessas regiões, era da ordem de 1.800.000 pessoas. Mantinham suas tradições e se orgulhavam de seu legado. Nas margens do Rio Danúbio, que deságua no Mar Negro, Rhigas Velesinlis, incentivou as populações gregas das cidades ao longo desse estuário, a fazer parte da *Philiki Etaireia* (Entidade associativa de amigos), com vistas a criar um movimento patriótico voltado à causa da independência.

Saliente-se que no Império Bizantino, notadamente nas dinastias dos Comninos e Paleólogos, a literatura grega teve um papel ímpar, dando a conhecer a literatura grega em profundidade, com a finalidade de não perder essa herança lingüística e literária. A língua grega continuou a ser falada nos lares, nas catequeses, nas liturgias e mistérios da Igreja Ortodoxa.

Em 1822, já se esboçava a Primeira Constituição do novo futuro Estado Grego Moderno.

Em 1827, na Batalha na Baía de Navarino, (Pylos) a frota Turca foi dizimada pelas frotas navais combinadas da Rússia, Inglaterra e França.

O Protocolo de Londres firmado aos 3 de fevereiro de 1830, pelos representantes Plenipotenciários do Império Russo, Império Inglês e França, reconhecem a Independência da Grécia.

A Conferência em Constantinopla aos 21 de julho de 1832, as maiores potências ocidentais (França, Inglaterra e Rússia) e o Império Otomano, concluem negociações a respeito dos assentamentos nos territórios ocupados pelos otomanos. Em continuidade, o denominado *Arrangement* (ajuste, disposição, ordem, desenho), dispôs sobre a retirada das populações turcas, a cessão e a delimitação dos territórios destinados para a Grécia.

Tratado de Londres de 24 de março de 1864. Participantes: Inglaterra, França, Rússia e Grécia. Com referencia ao Tratado de 5 de novembro de 1815, que dispunha sobre a retirada inglesa das Ilhas Jônicas, e estabelecia as regras da navegação e comércio.

Convenção de Constantinopla, 2 de julho de 1881. Cessão da região da Thessália fronteira ao território da Turquia, e sobre a região do Épiro, na Grécia continental, conforme decisão aos 24 de maio de 1881, com a presença do Rei da Grécia e de representante do Império Otomano (Sublime Porta), foi delimitada a fronteira grega.

Tratado de Paz de Londres, 30 de maio de 1913. Trata de firmar acordos com o fim das Guerras Balcânicas. Foi um Tratado de Paz que envolveu Grécia, Bulgária, Montenegro, Sérvia e Turquia.

Tratado de Paz de Bucareste aos 10 de agosto de 1913. Países participantes: Grécia, Romênia, Montenegro, Sérvia e Bulgária. Tratava da ratificação dos termos do tratado de paz.

Convenção de Paz de Atenas. 14 de novembro de 1913. Finalizou as querelas entre a Grécia e a Turquia.

Nota dos representantes da Alemanha, da Áustria-Hungria, da Grã-Bretanha, da Itália e da Rússia, ao Governo Grego. Disposição das Ilhas do Egeu. Destaque ao Arquipélago do Dodecaneso.

Tratado de Neuilly. 27 de novembro de 1919. Resultado dos acordos de pós Primeira Guerra Mundial. Países representados: Estados Unidos da América, Império Britânico, França, Itália e Japão de um lado, e do outro lado a Bulgária. As fronteiras com a Bulgária foram estabelecidas conforme artigos da Convenção da Liga das Nações.

Tratado de Lausanne. 24 de julho de 1923. A Conferência de Lausanne, tratou da revisão do Tratado de Sèvres (10 de agosto de 1920) e tomar providências com o Armistício de Mudania (11 de outubro de 1922). Representantes da Grã-Bretanha, França, Japão, Romênia, Sérvia, Grécia e Turquia. Estados Unidos como observador. Mencionou questões territoriais, nacionalidade, proteção para as minorias étnicas.

Tratado de Paz com a Itália em 10 de fevereiro de 1947. Participantes: potências beligerantes (Segunda Guerra Mundial) e países aliados. Itália, Romênia, Bulgária, Hungria e Finlândia, tiveram mais perdas e poucos ganhos. Nessa ocasião a administração italiana no Dodecaneso, com a supervisão da Inglaterra que liberta as ilhas do Dodecaneso em 1944, faz a cessão para a Grécia deste arquipélago. Foi a última fase que determinou as atuais fronteiras terrestres e marítimas do Moderno Estado Grego.

Esses tratados e outras conferências e atos internacionais, são o garante que assegura aos gregos a conquista desses territórios ocupados pelas populações gregas, falantes da mesma língua, com as mesmas tradições e cõscios de seu legado histórico e mantenedores de sua liberdade.

O comportamento grego quando se refere ao patriotismo é contagiante. Povo destemido, retratada na música, nas artes, nas decisões políticas, seu modo de ser ímpar diante dos demais povos. Destemido e audacioso, esse povo engrandece a pátria, quando chamado à luta em defesa dos interesses da nação.

Pode até ser admoestado por países mais fortes, mas sabe responder e enfrentar situações difíceis, apesar de suas sagas eternas, não permite o ultraje que se venha a impor. Luta em defesa de suas fronteiras, uma vez que, na base dos artigos que compõem os tratados firmados, vem de exigir o seu cumprimento. Dois séculos se passaram cenário de batalhas e guerras.

Pode que o mundo exterior não respeite os tratados, os gregos vem mantendo por dois séculos uma diplomacia elevada e uma grandeza de espírito indestrutível.

Nossos antepassados nos inspiram a olhar o mundo com olhos críticos. Somos herdeiros e isso nos basta. A nossa herança, o nosso legado e a nossa liberdade estarão sempre à prova. Mas não nos esmorecemos. Olhando para novos horizontes, caminhamos em sua direção, uma vez que sabemos que temos a paixão indefectível em nossas almas.

Somos gregos e ser gregos é uma façanha. Dentro de nós pulsa o nosso destino (*i mira mas*) que nos guia para dentro de nós, pois é esse destino que nos ensina a nos mantêm vivos.